

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

AFRICANOS E CRIoulos NOS LIVROS DE BATISMOS DE ESCRAVOS NA FREGUESIA DE SÃO JOSÉ DAS ITAPOROROCAS NOS SÉCULOS XVIII E XIX

Yves Samara Santana de Jesus¹, Lucilene Reginaldo²

1. Bolsista FAPESB, graduando em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, email:yves_samara@hotmail.com.

2Orientadora: Lucilene Reginaldo, DCHF, Universidade Estadual de Feira de Santana.

PALAVRAS-CHAVE: Batismo de Escravos, Escravidão, Feira de Santana.

INTRODUÇÃO

Muitos historiadores vêm se debruçando, desde a década de 1980, sobre o processo de escravização no Brasil, trazendo a público novas perspectivas, novas fontes e novos temas. Estes estudos têm possibilitado o acúmulo de informações sobre diferentes aspectos das relações escravistas, tais como a religiosidade, formação da família escrava, relações sociais, resistência e identidades étnico-raciais. No conjunto, estes estudos, entretanto, são marcados também por algumas carências historiográficas, principalmente, em relação ao destino dos ex-escravos, suas memórias da África e da escravidão, os significados atribuídos à abolição, experiências de liberdade, relações com os antigos senhores e as comunidades em que estavam inseridos/as. Esta investigação pretende contribuir com a superação de uma lacuna que se evidencia na historiografia da escravidão na Bahia, qual seja, a centralização dos estudos na cidade de Salvador e seu Recôncavo. Neste contexto, os estudos sobre a escravidão no Sertão e Agreste baiano têm afirmado a existência das relações escravistas na região e contribuído para uma visão mais abrangente do fenômeno.

No período da escravidão, podemos perceber os laços de solidariedade entre os escravos de um mesmo engenho e as redes familiares criadas dentro do sistema escravista, estes, por vezes, foram preservados e ampliados no pós-abolição. Um desses laços de resistência e sobrevivência formados pelos cativos para sobreviver dentro e fora do cativeiro foi o compadrio. Nesta perspectiva, a pesquisa sobre batismo de escravos oportunizou uma análise extensa das relações escravistas do período, e a partir daí, da existência de africanos batizados na Freguesia de São José das Itapororocas (1780-1826). O estudo de compadrio de escravos proporcionou o estudo da família e parentesco cativo na região. O batismo tem a função social – reforçar ou estabelecer relações de solidariedade e sociabilidade entre senhores e batizados e foi apropriada pelos escravizados. Embora a idéia de conversão tenha sido um processo, quase sempre, marcado pela violência, dentre outras formas de apropriação, permitiu aos escravizados formalizar relações sociais de fundamental importância para as famílias e comunidades cativas. Embora a maioria dos batismos de escravos identificados nesta pesquisa tenha sido de crianças, encontramos também um número significativo de batismos de adultos africanos. Isto ocorria mesmo em áreas de conquista do Império Português na África, de onde os cativos embarcados chegavam aos portos brasileiros, muitas vezes, sem o sacramento batismal, durante o século XVIII e mesmo no século anterior. Promulgando várias leis, a Coroa portuguesa tentou regularizar a administração dos sacramentos nas ilhas atlânticas, como Cabo Verde e São Tomé, no território angolano e mesmo no tráfico da Costa da Mina. Foram expedidas várias provisões régias para que as embarcações que cruzassem o Atlântico, entre África e Brasil, tivessem clérigos com a finalidade de doutrinar, e mesmo socorrer os africanos à beira da morte com o sacramento cristão. Nesta perspectiva, para os escravos, o compadrio e/ou o apadrinhamento possibilitava alianças no mundo do cativeiro, construindo laços com seus irmãos de destino, alianças que poderiam significar maior representação nas negociações cotidianas com os senhores e mesmo a solidariedade entre cativos. Além disso, os cativos tinham também a possibilidade de escolher seus *parentes espirituais* no universo dos livres e dos libertos.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

MATERIAIS E MÉTODOS

Os procedimentos metodológicos utilizados em nossa pesquisa tiveram início com a revisão bibliográfica de publicações sobre batismos de escravos no Brasil, e especificamente na Bahia. Aprofundar a compreensão do tema foi importante não só para construir o entrecruzamento das temáticas que se pretendia no referencial teórico deste trabalho, mas principalmente, para possibilitar um diálogo com as informações obtidas através da análise dos livros de batismo da Secretaria de Arcebispado de Feira de Santana, que se pretendia pesquisar.

Ainda no início da pesquisa, houve um treinamento de leitura de manuscritos dos séculos XVIII e XIX, devido à escrita peculiar e as abreviações do período trabalhado. Além disso, para a realização do trabalho houve a utilização de luvas e máscaras; como forma de preservação aos livros que se encontra em estado precário de conservação. Mesmo com as dificuldades de manuseio dos documentos foi possível o recolhimento de muitas informações sobre os sujeitos escravizados e batizados nos registros eclesiásticos da Freguesia de São José das Itapororocas.

As informações reunidas no período da pesquisa alimentaram um banco de dados de registros de batismos de escravos nas freguesias de Santana e de São José das Itapororocas, já existente no CEDOC (Centro de Documentação e Pesquisa), do qual, resultou em um inventário fundamental para os pesquisadores interessados na temática. Além disso, vale ressaltar, que as pesquisas sobre os registros de batismo de escravos têm contribuição relevante para a historiografia da escravidão em Feira de Santana ao oferecer registros que possibilitam o cruzamento de informações para posteriores análises.

Os futuros pesquisadores poderão, a partir deste inventário, investigar, diversos temas, tais como: a formação da família escrava em Feira de Santana; a quantidade de batizados africanos na região; a constante ausência do pai nos batizados; o significado dos batizados à beira da morte; a circulação de cativos, livres e libertos entre as freguesias vizinhas; a predominância de padrinhos forros.

RESULTADOS

Os resultados da nossa pesquisa apontam possibilidades de estudos sobre a formação da família escrava do período, as variadas formas de arranjos familiares e a presença de africanos na região, destacam-se a partir do processo de compadrio de escravos. A leitura e manuseio sistemático dos livros de batismo inicialmente encontraram a formação completa de núcleos familiares envolvendo escravos da Freguesia de São José das Itapororocas, números considerável de africanos batizados, geralmente, de procedência étnica gege e nagô, escravos batizados à beira da morte, por pagamento de dívidas, grande número de padrinhos livres e forros. Além desses casos, é perceptível nos livros de batismo de escravos a circulação de cativos, livres e libertos pelas freguesias vizinhas, destaca-se: São Gonçalo, Santo Amaro, Tiquaruçu e Cachoeira.

Nos livros do final do século XVIII e início do século XIX podemos perceber uma maioria proporção de africanos batizados de diversas origens étnicas. Foram 1062 batizados catalogados e 100 batizados de africanos. As procedências étnicas mais encontradas foram: Mina, Angola. Hauça, Gege, Calabar, Congo e Guiné. Além disso, nos livros fichados desse período encontra-se um alto número de mães escravas solteiras, na maioria dos casos, eram pardos ou crioulos, alguns casos de duas madrinhas e dois padrinhos, padres donos de escravos, grande número de familiares dos proprietários de escravos como padrinhos. Houve também o reconhecimento de casos de padrinhos pardos e crioulos. Vale ressaltar que, nos batismos de escravos houve uma maior proporção de homens batizados do que mulheres. Esses homens batizados na maioria dos casos encontrados eram escravos ou forros.

No processo de manuseio dos livros de batismos de escravos podemos compreender a complexidade das relações sociais no período escravocrata, questões religiosas, os mecanismos de dominação, até as identidades étnicas que se firmavam nos arranjos familiares e que contribuíram e que contribuíram para a construção e re (elaboração) das identidades da população afro-brasileira. O compadrio se estabelecia numa criação de laços espirituais entre padrinhos, pais e afilhados, além de reforçar laços de parentescos já existentes, solidificar relações com pessoas de classe social semelhante ou estabelecer laços com indivíduos socialmente desiguais. O batismo de escravos era uma regra na sociedade colonial, pois ser cristão não era uma opção e sim uma determinação para os recém ingressos na Cristandade colonial. Alguns autores apontam, por exemplo, que os laços de compadrio incentivaram no aumento da família escrava além de permitir o estudo da mulher e da criança escrava e liberta.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana,
UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

Na época abordada da pesquisa, foram fichados quatro livros de batismos do período de 1780-1826. Durante os caminhos percorridos durante o fichamento dos livros é possível entender as complexidades dos laços de compadrio e seus diversos significados. Essa diversidade é visível nos batizados de africanos e crioulos em Feira de Santana. Os estudos do compadrio e apadrinhamento de escravos estiveram centrados na análise de batismo de inocentes e nas relações estabelecidas por suas famílias. Essa tendência refletiu a importância assumida pela pesquisa sobre família e parentesco de cativo para a historiografia da escravidão, nos últimos vinte anos. Na localidade, os africanos encontraram limites na constituição de laços familiares, principalmente por causa do grande desequilíbrio entre os sexos e pela exigência do consentimento do senhor para os casamentos cristãos, nas propriedades escravistas. Por outro lado, havia ampla possibilidade de constituição de parentesco ritual nas relações entre afilhado recém-chegado e o padrinho, confirmado no recebimento do primeiro sacramento cristão. Neste caso, os resultados da pesquisa apontam ricas possibilidades de interpretação sobre a apropriação do primeiro sacramento da Igreja pelos escravizados e sugere a ampliação dos estudos de apadrinhamentos de crianças escravas e adultos africanos. Além da possibilidade de se entender a importância do parentesco ritual para os cativos traficados, a análise dos registros paroquiais de batismo, associado às outras fontes, pode contribuir para os estudos das relações de contato entre os grupos étnicos na sociedade colonial.

REFERÊNCIAS

- BRUGGER, Silvia Maria Jardim. *Compadrio e Escravidão: uma análise do apadrinhamento de cativos em São João Del Rei, 1730-1850*. Trabalho Apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú – MG, Brasil, 20 a 24 de Setembro de 2004.
- FLORENTINO & GÓES. *A paz nas senzalas: Família Escrava e Tráfico Atlântico*. Rio de Janeiro, c. 1790 - c. 1850. 1997.
- FREIRE, Jonis. *Compadrio em uma freguesia escravista: Senhor Bom Jesus do Rio Pardo (MG) (1838-1888)*. XIV Encontro Nacional de Estudos populacionais. ABEP. Caxambu-MG. 20-24 de setembro de 2004.
- MACHADO, Cacilda. *As muitas faces do compadrio de escravos: o caso da Freguesia de São José dos Pinhais (PR) na passagem do século XVIII para o XIX*. Revista Brasileira de História. São Paulo. ANPUH, vol. 26, nº 52, jul-dez., 2006.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo : Brasiliense, 2003.
- REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. “Uma negra que fugiu, e consta que já tem Dous filhos”: fuga e família entre escravos na Bahia.” Afro-ásia, 23(1999). Pp.27-46.
- REIS, João José. *Identidade e diversidades étnicas nas Irmandades Negras no tempo da Escravidão*. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1996, p. 7-33.
- SCHWARTZ, Stuart B. “Abrindo a roda família: Compadrio e escravidão em Curitiba e na Bahia”. In: *Escravos, Roceiros e Rebeldes*. Bauru, SP: Edusc, 2001.
- VASCONCELLOS, Maria Cristina de. *O compadrio entre escravos numa Comunidade em transformação (Mambucada, Angra dos Reis, Século XIX)*, Afro - Ásia. 28(2002), 147-178.
- VIANA, Luís Filho, 1908. *O negro na Bahia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.